

A LINGUAGEM COMO ATRIBUTO ESSENCIAL PARA A EXISTÊNCIA HUMANA

Clodoaldo Sanches Fofano (UENF)

clodoaldosanches@yahoo.com.br

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinaff@gmail.com

Edilaine da Silva Freitas (UENF)

edilainefreitas_21@hotmail.com

Roberta Santana Barroso (UENF)

robertasbf@hotmail.com

Sinthia Moreira Silva Ribeiro (UENF)

sinthia_moreira@hotmail.com

RESUMO

O homem é o único ser que nasce com a necessidade de se comunicar por meio da fala. A linguagem, como transmissão de símbolos do pensamento, é a principal característica que distingue o ser humano dos outros animais, sem ela o pensamento seria vazio, nada estaria perceptível, uma vez que a linguagem é característica exclusiva do ser humano. Este estudo objetiva refletir sobre a importância da linguagem como faculdade necessária para a existência humana. Na construção deste artigo, realizou-se pesquisa bibliográfica de base qualitativa por meio de fontes teóricas que embasam a busca de respostas sobre o tema abordado. Sabe-se que a necessidade de se comunicar nasceu com o ser humano e para isso fazia o uso da linguagem que se concretiza por meio da língua, como instrumento ligado ao indivíduo em sociedade, que agrega pessoas a um mesmo grupo de falantes. Assim sendo, a linguagem possibilita a troca de conhecimentos específicos, compartilhados por vários indivíduos. Somente o homem desenvolveu tal habilidade que lhe permite compreender várias mensagens, e registrar aquilo que permanece no mundo como fato humano, construindo sentidos específicos à vida.

Palavras-chave:

Sociedade. Existência humana. Língua e linguagem.

RESUMEN

El hombre es el único que nace con la necesidad de comunicarse a través del habla. El lenguaje, como transmisión de símbolos del pensamiento, es la principal característica que distingue al ser humano de los demás animales, sin que el pensamiento estaría vacío, nada se notaría, ya que el lenguaje es la característica exclusiva del ser humano. Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre la importancia del lenguaje como facultad necesaria para la existencia humana. En la construcción de este artículo se realizó una investigación bibliográfica de base cualitativa a través de fuentes teóricas que sustentan la búsqueda de respuestas sobre el tema abordado. Se sabe que la necesidad de comunicarse nació con el ser humano y para eso hacia uso del len-

guaje que se realiza a través del lenguaje, como instrumento vinculado al individuo en la sociedad, que suma a las personas al mismo grupo de hablantes. Por tanto, el lenguaje permite el intercambio de conocimientos específicos, compartidos por varios individuos. Solo el hombre ha desarrollado tal habilidad que le permite comprender varios mensajes y registrar lo que queda en el mundo como un hecho humano, construyendo significados específicos a la vida.

Palabras clave:

Sociedad. Existencia humana. Lengua y lenguaje.

1. Introdução

O termo linguagem apresenta uma variedade de significados. Entre eles o mais utilizado é aquele que se refere a qualquer processo de comunicação, como a linguagem corporal, a linguagem da sinalização, a linguagem escrita, etc. (CUNHA; COSTA; MARTELOTA, 2008). Já na concepção de Bagno (2014) é todo e qualquer sistema de signos empregados pelos seres humanos na produção de sentido, isto é, para expressar a faculdade de representação da experiência/conhecimento. Logo, a linguagem possibilita a troca de conhecimentos específicos, compartilhado por vários indivíduos. Somente o homem desenvolveu tal habilidade que lhe permite compreender várias mensagens, e registrar aquilo que permanece no mundo como fato humano.

Desse modo, os linguistas, estudiosos da linguagem, geralmente estabelecem uma distinção entre os conceitos de língua e linguagem. Assim, entendem a linguagem como uma habilidade; a linguística define o termo como capacidade que apenas os seres humanos possuem como instrumento de se comunicar por intermédio de línguas. Do mesmo modo, tal palavra "língua" é geralmente definida como um sistema de signos vocais utilizados como meio de comunicação por membros de uma comunidade linguística ou grupo social.

Pretende-se, nesta pesquisa, refletir sobre a linguagem como faculdade necessária para a existência do homem, uma vez que a linguagem é característica exclusiva do ser humano, diferenciando-o dos outros animais, a fim de se responder à seguinte questão-problema: Qual a importância da linguagem como atributo essencial para a existência humana?

Esse artigo traz consigo como objetivo geral refletir sobre a importância da linguagem como atributo necessário para a existência humana. Já como objetivos específicos foi necessário: 1) Compreender o

significado de se aprender uma língua, que por sua vez, depende do conhecimento profundo dos falantes sobre esse sistema de signos e símbolos. 2) Analisar a gramática como instrumento de competência linguística, já que para se apreender a natureza da língua faz-se necessário adquirir conhecimento desse interiorizado e inconsciente sistema que faz parte da gramática de qualquer língua. 3) Apresentar diversas teorias sobre o surgimento da linguagem, ligando-a ao nascimento da humanidade, mas de maneira que se leve em consideração que nada possibilita alguém “aprovar” ou “negar” tais hipóteses, por serem de natureza complexa.

A justificativa desta investigação evidencia-se pela busca da importância da linguagem como faculdade necessária para a existência humana. Nesse sentido, cabe ressaltar que o homem é o único ser que nasce com a necessidade de falar. A linguagem, como transmissão de símbolos do pensamento, é a principal característica que distingue o ser humano dos outros animais. Logo, a linguagem é essencial para o homem, visto que permite interação, interlocução, ao construir sentidos específicos, relação com o meio social em que ele pertence.

A metodologia utilizada para este estudo é a revisão bibliográfica, que se constitui do acervo bibliográfico científico de contribuições sobre o determinado tema. De posse desse material, são estabelecidas considerações sobre suas ideias, articulando-as no que converge e no que diverge entre elas.

Muitos pesquisadores se debruçam nos estudos sobre a linguagem, visto que é uma faculdade essencial para a existência humana na qual partilha de um sistema linguístico que agrega pessoas a um mesmo grupo de falantes, de forma que o meio social influencia o uso da linguagem. Portanto, a linguagem não é adquirida de uma só vez, tal atributo é desenvolvido ao longo da vida de um indivíduo em contato com o meio que ele pertence. Nesse sentido, infere-se que uma pessoa se torna humana por meio do convívio social, de maneira que a linguagem se torna o instrumento de ação e interação humana como produto social.

Entre os estudiosos da linguagem, destaca-se Ferdinand Saussure como o pai da Linguística moderna, por meio dos estudos sincrônicos, em contraste com os estudos históricos produzidos nos séculos anteriores. No entendimento de Faraco (2005), os trabalhos do genebrino representam um divisor de águas no que tange ao estudo da linguagem, são resultados de um processo histórico que iniciou quando os primeiros homens começaram a se questionar sobre as línguas humanas e a registrar

algumas reflexões importantes. Dessa forma, o referido teórico foi o primeiro a estruturar o estudo da língua como sistema de signos independentes e, seu legado passou para as gerações seguintes.

Assim, Saussure, por meio dos seus esboços, deixa uma grande contribuição quando percebeu que o fenômeno linguístico podia ser estudado não apenas como produto histórico de sucessivas mudanças, mas também como um sistema sincrônico, de maneira que se compreenda as relações das estruturas internas da língua de acordo com suas funções.

2. O significado de se aprender uma língua

Saussure, por meio da linguística comparativa e histórica, pela primeira vez, começa a tratar a linguagem por si mesma e em si mesma. Sendo assim, esclarecia-se uma língua por intermédio de outra, como pôde se perceber ao comparar o grego com o latim, criou-se a possibilidade de que tais semelhanças não eram fruto do acaso. Antes do generino, outros intelectuais, pré-saussurianos, em especial europeus, contribuíram para o nascimento da linguística, estudavam a língua com outros interesses, como a poética, a lógica e o bom uso, que costumam datar finais do século XVIII.

Através do pressuposto saussuriano que se deve dizer que a linguagem é o meio de comunicação mais importante. Para justificar tal assertiva, Benveniste (1988) sugere duas razões importantes:

Uma consistiria em que a linguagem, sem dúvida, se encontra de fato assim empregada porque os homens não encontram um meio melhor nem mesmo tão eficaz para comunicar-se. [...] Poderíamos também pensar em responder que a linguagem apresenta disposições tais que a tornam apta a servir de instrumento: presta o que lhe confio – uma ordem, uma pergunta, um anúncio –, e provoca no interlocutor um comportamento, cada vez, adequado. (BENVENISTE, 1988, p. 284-93)

Bakhtin trilhou um caminho diferente de Saussure, ao criticar a objetividade abstrata do linguista, que trata a língua como um sistema monológico. Para tanto, o filósofo afirma que a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de forma linguística, mas pelo fenômeno social da interação, realizada por meio da enunciação e das enunciações. Alega Bakhtin (1979, p. 163): “Não tomo consciência de mim mesmo senão através dos outros, é deles que eu recebo as palavras, as formas, a tonalidade que forma a primeira imagem de mim mesmo. Só me torno consciente de mim mesmo, revelando-me para o outro,

através do outro, com a ajuda do outro.”.

Sendo assim, a linguagem revela essa relação entre o EU-TU de forma interacionista, por meio da fala. Na concepção de Fromkin e Rodman (1993, p. 3), “A posse da linguagem, mais do que qualquer outro atributo, distingue os seres humanos dos animais.”. Logo, quando um indivíduo aprende a falar, estimulado pelo meio em que convive, conseqüentemente, aprende uma língua, uma vez que tal habilidade é um fator social. Por isso Bagno (2014) declara que,

Essa **faculdade de linguagem** é muito poderosa, porque nasce da aguda necessidade que nós, seres humanos, seres **sociais e culturais**, temos de interagir com os nossos **coespecíficos** (membros da nossa mesma espécie), de aprender com eles, compartilhar nossas experiências e transmitir o conhecimento acumulado por nosso grupo social. (BAGNO, 2014, p. 60)

A fim de ratificar tal ponto de vista, Cunha; Costa e Martellota (2008, p. 18) salientam: “[...] a linguagem é um dos ingredientes fundamentais para a vida em sociedade. Dessa maneira ela está relacionada à maneira como interagimos com os nossos semelhantes, refletindo tendências de comportamento delimitadas socialmente”. Do mesmo modo, dentro de um processo comunicativo, na relação entre o EU-TU, a capacidade de se desenvolver uma conversa, mesmo que seja simples, depende de um conhecimento profundo dos falantes sobre a língua. Mas tais falantes não possuem consciência desse fato.

Aprender uma língua vai muito mais além do que conhecer sons. Assim, conhecer sons e sistemas de sons de uma determinada língua é apenas uma parte do conhecimento linguístico que o sujeito necessita, já que a relação entre sons e significados são arbitrários. Portanto, vale destacar que os sons das palavras de uma língua só possuirão significado na língua em que pertencem, inclusive as onomatopeias, em que as pronúncias das palavras sugerem sons.

No pensamento de Fromkin e Rodman (1993), conhecer uma língua é possuir capacidade de criar frases que nunca foram ditas e compreender frases jamais ouvidas. Tal fenômeno é possível, de acordo com Chomsky, pelo aspecto criativo do desenvolvimento da capacidade linguística de um indivíduo. Por conseguinte, toda pessoa possui um conhecimento que a permite apreender e produzir frases compridas, sendo até mesmo impossível colocar um limite ao comprimento de uma frase em qualquer que seja a língua.

Quando os seres humanos falam, estão transmitindo uma mensa-

gem. No qual é possível, no processo de produção/elaboração da fala a existência de erros. Erros estes que estão ligados ao conhecimento e a forma com que cada um utiliza esse conhecimento. Logo, aprender uma língua é aprender os seus sons, as unidades básicas de significado, como palavras e regras que permitem combiná-las de modo a construir novas frases.

3. A gramática como instrumento de competência linguística

Conforme Fromkin e Rodman (1993), a gramática representa a competência linguística do indivíduo. Para compreender a natureza da língua tem-se que compreender a natureza desse interiorizado e inconsciente sistema que faz parte da gramática de qualquer língua. Todo ser humano que fala uma língua tem um entendimento, ou seja, sabe a gramática, possuindo um conhecimento que permite os mesmos a falarem e compreenderem-se de acordo com suas capacidades. Na concepção de Travaglia (2009),

A competência gramatical ou linguística é a capacidade que tem todo usuário da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor) de gerar sequências linguísticas gramaticais, isto é, consideradas por esses mesmos usuários como sequências próprias e típicas da língua em questão [...]. Essa competência está ligada ao que Chomsky chamou de 'criatividade linguística', que é a capacidade de, com base nas regras da língua, gerar um número infinito de frases gramaticais. (TRAVAGLIA, 2009, p. 17-18)

Sendo assim, compreende-se que existem regras para serem seguidas para os diferentes usos da língua, que formam as normas gramaticais relacionadas ao falar e escrever. Tais regras podem ser postuladas, em especial, pela gramática normativa ou pela gramática descritiva. A gramática descritiva, como o próprio nome já diz, possui o papel de descrever a forma e o funcionamento da língua e registrar as variedades existentes, estudando os seus mecanismos, construindo hipóteses que expliquem seu funcionamento.

A língua é dinâmica e no Brasil é possível encontrar uma grande variedade linguística, devido tanto a características regionais, como também por diferenças sociais. Um exemplo notável é a mudança do padrão oral que se observa no meio urbano e rural. Junto com a variação, o contato linguístico é outro fator social importantíssimo para a implementação das mudanças linguísticas que possui atuação em toda e qualquer comunidade, uma vez que se vinculam ao processamento da linguagem no cérebro dos falantes e à construção conjunta da língua.

Já a gramática normativa se ocupará em estudar somente os fatos relacionados à língua padrão, que se torna língua oficial. Para Travaglia (2009),

Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita. Ao lado da descrição da norma ou variedade culta da língua (análise de estruturas, uma classificação de formas morfológicas e lexicais), a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a **correta** utilização oral ou escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. (TRAVAGLIA, 2009, p. 30)

Desse modo, tal gramática funciona como uma espécie de lei que organiza o uso da língua em uma sociedade. Perante tal fato, vale destacar que a descrição da norma culta não se transforma em regras da gramática normativa de imediato. Para isso, antes, é necessário que seja dito que a língua só se apresenta daquela maneira, principalmente pela escola que é o espaço social institucionalizado que primeiro privilegia a padronização dessa língua – aponta Neves (2006). Soares, apoiando-se em Labov, afirma,

[...] os professores, em geral, ignoram inteiramente o conceito de variedades linguísticas, são preconceituosos em relação aos dialetos não-padrão, que não vêem como sistemas estruturados e coerentes; este é o principal obstáculo a um ensino do dialeto-padrão que não pretenda substituir nem menosprezar os dialetos dos alunos (SOARES, 2002, p. 50)

Mas em sentido geral, linguistas entendem que a gramática inclui tudo que os falantes sabem da língua, a fonologia, semântica, morfologia, sintaxe, léxico. E com isso encontram-se o sistema sonoro, de significados, o sistema de formação das palavras e o de formação das frases. Assim, sabe-se que onde existem seres humanos existe linguagem.

4. Diversas teorias sobre o surgimento da linguagem

A língua deveria ser vista como atrelada ao indivíduo, porque as mudanças linguísticas se originam nele. Se a língua pertence ao indivíduo e a linguagem é característica exclusiva do ser humano, seria possível levantar hipóteses de como a linguagem surgiu, vinculada ao nascimento da humanidade. Pensou-se que essa ligação seria o ponto de partida para descobrir como, quando e onde o homem nasceu, afinal, se o homem e a linguagem estão intimamente ligados, a descoberta da origem de um levaria ao descobrimento do outro.

Apesar de todas as especulações, percebeu-se que não seria tão simples assim e muitas dúvidas surgiram acerca do surgimento da linguagem, pois o homem existe há milhões de anos, mas os primeiros registros escritos datam apenas de seis mil anos atrás, ou seja, ficaria impossível tomar esses registros como esclarecedores para a descoberta da origem da linguagem, porque foram manifestações tardias.

A questão do surgimento da linguagem é apresentada em várias religiões que têm narrativas distintas para explicar sua origem. Há várias teorias nascidas das crenças que atribuem à linguagem a definição de dom divino para a humanidade, ou seja, Deus ou deuses são responsáveis pelo surgimento da linguagem.

Essa ideia persistiu durante tempos. Lester Grabbe nas palavras de Faraco (2005, p. 21), ao revelar a existência de histórias como a da Torre de Babel em culturas antigas concluiu: “(...) ainda não foi proposta nenhuma teoria aceitável que explique satisfatoriamente essa faculdade que o homem tem de falar – ou seja, a linguagem – sem a existência de um Criador. Por outro lado, a descrição de Gênesis ajusta-se inteiramente a todos os factos científicos conhecidos”.

Em todas as culturas e crenças, ao analisar mitos, costumes e superstições é possível perceber a importância da linguagem e das suas propriedades atribuídas pelo homem. É evidente que essas análises não dizem muito sobre a origem da linguagem, apenas ressaltam sua relevância para a humanidade.

Johann Preter Susmilch, em 1756, apresentou uma comunicação à Academia Prussiana, na qual acreditava “que o homem não poderia ter inventado a linguagem sem pensamento e que o pensamento depende da existência prévia da linguagem. A única saída desse paradoxo é presumir que Deus deve ter dado a linguagem ao homem”, de acordo com Fromkin e Rodman (1993, p. 22).

Ainda, os mesmos autores ressaltam que Susmilch apresentou argumentos importantes, porém nada que esclarecesse ou encaminhasse para a descoberta do surgimento da linguagem e, sim, da linguagem propriamente dita. Dessa forma, não seria possível “negar” nem “provar” a teoria da origem divina, assim como argumentar cientificamente sobre a origem de Deus.

Os defensores da teoria da origem divina da linguagem despertaram interesse por saber qual seria a primeira língua, ou seja, qual seria a

língua falada por Deus. Durante milênios conceberam experiências para encontrar uma resposta. Para tanto, Fromkin e Rodman (1993, p. 23), evidenciam que o grego Heródoto narra que o Faraó isolou duas crianças em uma cabana na montanha, que eram cuidadas por um criado que não poderia articular nenhuma palavra. Segundo as crônicas, a primeira palavra foi “*bekos*”. Após consultas aos sábios, descobriram que significava pão e era uma língua falada na província da Frígida. Consideram, então, essa como a língua original.

Os autores supracitados, afirmam que outras experiências similares foram produzidas, Jaime IV da Escócia (1473-1513) fez o mesmo e alcançou resultados diferentes. As crianças cresceram e falaram de forma perfeita o hebraico. Assim, considerou-se o hebraico a língua falada por Deus. Dois séculos antes dessa experiência, Frederico II de Hohenstaufen fez semelhante prova, mas sem sucesso; as crianças morreram antes de articularem qualquer palavra. No ponto de vista de Faraco (2005),

A novidade da linguística do século XIX está em dar um caráter sistemático para o trabalho de comparação gramatical, e estabelecer, depois, a tese de que correlações sistemáticas apontam para uma origem comum. Como lemos no próprio Curso (p. 8): “[...] foi ele Bopp quem compreendeu que as relações entre línguas afins podiam tornar-se matéria duma ciência autônoma. Esclarecer uma língua por meio da outra, explicar as formas duma pelas formas da outra, eis o que não fora feito”. (FARACO, 2005, p. 29)

É possível encontrar na narrativa de Gêneses também a ideia de que as línguas são todas originárias de uma mesma fonte. De acordo com o autor mencionado anteriormente, o texto sagrado destaca “(...) toda a terra era de uma só língua e de uma só fala”. O surgimento de línguas distintas explica-se ainda na Bíblia com a “confusão” ocorrida na Torre de Babel, que como salienta o referido autor em Gênesis temos: “(...) Por isso lhe foi dado o nome de Babel; pois foi lá que o Senhor confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra: e daí o Senhor os dispersou por toda a face da terra”.

A descoberta de uma língua ou línguas originais é algo ainda distante. As experiências de isolamentos apresentadas estão condenadas ao fracasso, por isso nem foram repetidas por nenhum linguista. A capacidade humana de adquirir a linguagem requer um estímulo linguístico adequado, isso fica evidente ao analisar os casos das crianças que cresceram isoladas que, ao serem encontradas, não sabiam falar nem conheciam qualquer linguagem. Uma criança nessas condições não aprenderá a falar nenhuma língua. Afirma Herder (1772, p. 117): “O homem é um ser em

atividade, que pensa livremente, e cujas forças atuam em progressão; por isso é uma criatura de linguagem.”.

Inerente ao ser humano, quando diferenciado das demais espécies com as quais ele convive, a linguagem é, sem dúvidas, um instrumento de grande poder e valia, sem o qual não se pode nem mesmo imaginar uma vida em sociedade, tal qual conhecemos hoje. Contudo, longe de ser de fácil compreensão, a linguagem, quanto a seu início e mesmo quanto à dinâmica de seu desenvolvimento, adquire um caráter bastante enigmático e ao que nos parece, intransponível.

Ao longo da história, foram muitas as tentativas de se chegar a uma conclusão sobre muitas perguntas, ao se passar pelo uso da mitologia e finalmente pelo uso da razão propriamente dita. Nesse sentido, Fromkin e Rodman (1993), garantem que Platão, em sua obra *Crátilo*, já havia tentado desvendar esses mistérios e indicar algumas conclusões a respeito da função e do desenvolvimento da linguagem.

Sendo assim, por meio do discurso entre Sócrates, Hermógenes e Crátilo, ele desenvolve e tenta chegar à origem de diversos nomes, com o intuito de discernir sobre a “naturalidade” e/ou “convencionalidade” deles, enquanto argumenta sobre a grande importância da linguagem para o estabelecimento da cultura humana e sobre seu provável início. Esse debate naturalistas e convencionalistas constituía um dos maiores problemas linguísticos.

O surgimento da linguagem é um fato fundamental na história humana. Não seria possível a organização dos seres humanos em sociedade sem a linguagem e vice-versa. Isso indica que a linguagem e a vida em sociedade devem ter surgido praticamente ao mesmo tempo. É difícil determinar qual a origem da linguagem, visto que não há muitas pistas a seguir.

O filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712–1778) supôs que a linguagem humana teria evoluído gradualmente, a partir da necessidade de exprimir os sentimentos, até formas mais complexas e abstratas. Para Rousseau, a primeira linguagem do homem foi o “grito da natureza”, que era usado pelos primeiros homens para implorar socorro no perigo ou como alívio de dores violentas, mas não era de uso comum.

Logo, a linguagem propriamente dita só teria começado quando as ideias dos homens começaram a estender-se e a multiplicar-se, e se estabeleceu entre eles uma comunicação mais íntima, procuraram sinais mais

numerosos e uma língua mais extensa; multiplicaram as inflexões de voz e juntaram-lhes gesto. Conforme Rousseau, não é a habilidade humana do pensamento que difere o homem dos animais, porém, o seu “desejo de ser livre”, o mesmo afirma que foi essa liberdade que levou à invenção da linguagem.

Aproximadamente duzentos anos após Rousseau ter sugerido que os “gritos da natureza” e os gestos formavam a base do desenvolvimento da linguagem, Sir Richard Paget (1930) citado por Fromkin e Rodman (1993) argumentou a favor de uma “teoria do gesto oral”,

A fala humana nasceu da linguagem gestual pantomímica inconsciente e generalizada que se especializou em gestos dos órgãos de articulação, devido ao fato de as mãos humanas (e olhos) estarem cada vez mais ocupadas com o desenvolvimento dos utensílios. Os gestos dos órgãos de articulação eram reconhecidos pelo ouvinte pois o ouvinte reproduzia inconscientemente no seu espírito o gesto que de fato havia produzido som. (FROMKIN; RODMAN, 1993, p. 27)

A concepção de que a linguagem humana procede de um sistema gestual nasce na obra de Gordon Hewes. Uma outra suposição relativa ao desenvolvimento da linguagem humana afirma que a linguagem surgiu de sons ritmados que os homens produziam quando trabalhavam em grupo. Além disso, em 1970, o afasiologista soviético A.R. Luria (1970) mencionado por Fromkin e Rodman (1993) defendia a ideia de que:

Tudo nos leva a crer que a fala tem a origem em atividade produtiva e surgiu primeiro com a forma de moções curtas que representavam certas atividades no trabalho e gestos que permitiam aos homens apontar e comunicar. (LURIA, 1970 *apud* FROMKIN; RODMAN, 1993, p. 27)

Uma outra teoria da linguagem que merece destaque foi postulada por Otto Jespersen. O referido estudioso acreditava que a linguagem derivava do canto como uma necessidade de expressão e não propriamente comunicativa, sendo o amor o maior estímulo para o desenvolvimento linguístico.

Chomsky denomina o conjunto de princípios e regras que definem o uso da linguagem como “gramática universal”. Logo, trata-se de um sistema de princípios, condições e regras que são subsídios ou propriedades de todas as línguas humanas. Tal sistema seria o resultado de um extenso processo de desenvolvimento biológica, que formaria a essência da linguagem humana.

Sendo assim, a gramática universal seria uma estrutura anterior ao aprendizado de qualquer gramática específica, pertencendo a um estágio

inicial do cérebro. Desse modo, como aconteceu com as teorias da origem divina da linguagem, muitas dessas propostas são inconclusivas, quer defendam a ideia de que o homem inventou a linguagem, quer a forma de gritos da natureza, imitação vocálica de gestos, canções de amor ou gritos de trabalho. A discussão está aberta e assim continuará.

5. *Considerações finais*

Sabe-se que a necessidade de se comunicar nasceu com o ser humano e para tal fazia o uso da linguagem. Assim sendo, a linguagem é o fio condutor que permite ao homem acesso ao mundo da sociedade e da cultura. É o universo da comunicação que dá sentido à vida do homem. Além do sentido à vida, a comunicação permite ao ser humano registrar o que existe no mundo como fato humano, como sujeito constitutivo de uma história, de uma cultura. Nesse sentido, a linguagem é essencial para a existência humana, visto que permite interação, interlocução, possibilitando construir sentidos específicos.

Essa linguagem se materializa por meio da língua. Diante disso, conhecer uma língua significa falar e ser compreendido por todas as pessoas que reconhecem essa língua. Desse modo, sons e símbolos constroem sentido, combinando palavras, de forma que se forme frases, constituindo a gramática de uma língua. Tal gramática representará a competência linguística dos seus falantes.

Logo, a gramática inclui tudo que os falantes sabem da língua, a fonologia, semântica, morfologia, sintaxe, léxico. E com isso encontram-se o sistema sonoro, de significados, o sistema de formação das palavras e o de formação das frases. Sabendo-se que onde existem seres humanos existe linguagem.

A mudança linguística é consequência da interação constante e intensa de fatores socioculturais, atreladas à história social dos falantes da língua. Sendo assim, aquilo que se consegue expressar em uma língua, pode-se expressar em qualquer outra língua ou dialeto, apenas será necessário recorrer a outros meios e outras palavras.

Dessa maneira são as gramáticas que determinam a natureza das línguas e toda gramática é capaz de produzir um número infinito de frases destinadas a desenvolver qualquer pensamento. Igualmente, a humanidade está bem longe de compreender que a maior evolução no desenvolvimento da linguagem se deva a alterações no desenvolvimento no cé-

rebros e que muitos progressos no entendimento da natureza da linguagem humana já aconteceram.

Portanto, diante do que foi apresentado, não se pode dizer que uma teoria linguística pré-saussuriana superou a outra, mas sim, que existe um processo de desenvolvimento das teorias, que, por sua vez, provocou o surgimento de pontos de vistas epistemológicos distintos. Contudo, a busca para se conseguir cientificidade nos estudos linguísticos inicialmente se deu em Saussure.

Para chegar a essas verificações se construiu este artigo, que por certo servirá de enriquecimento de estudos linguísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii*. São Paulo: Parábola, 2014.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Unicamp; Pontes, 1988. p. 284-93

CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Antonio Marcos; MARTELOTTA, Mário Eduardo *et al.* (Org.). *Linguística*. In: _____. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda. Bentes, Anna Christina (Orgs). *Introdução à linguística*. v. 3. 2. ed., São Paulo: Cortez, 2005. p. 27-42

FROMKIN, Victória; RODMAN, Robert. *Introdução à Linguagem*. Tradução: Isabel Casanova. Coimbra: Almedina, 1993.

HERBER, Johann Goafried. 1772. *Ensaio sobre a origem da linguagem*. Trad. de José M. Justo, Lisboa, Edições Antígona, 1987.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2006.

SOARES. Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: Uma proposta para o ensino de gramática*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.